

CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS: AMPLIAR A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DA CULTURA CAMPESSINA ATRAVÉS DAS LENDAS.

Autor (1) Eunice Simões Lins; co-autor (1) Lindemberg Chianca Lima

(Universidade Federal da Paraíba – eunicelins@gmail.com – lindemberg.chianca10@gmail.com)

Resumo:

A leitura é uma forma de proporcionar prazer, lazer, de busca de conhecimento, de enriquecimento cultural e intelectual, de interação. A utilização da contação de histórias, na educação infantil, busca estimular a aprendizagem, além de levar aos alunos a um mundo novo, propiciando modos e formas de educar. O objetivo de nosso estudo consiste em proporcionar aos alunos a capacidade de reconhecer no universo literário, elementos da sua cultura, como também um universo de obras literárias que podem contribuir de forma grandiosa para o desenvolvimento cognitivo de todos eles. Bem como a seleção de textos, evitando preconceitos ou moralismos nos diversos gêneros literários. O estudo no primeiro momento permitiu vislumbrar a relevância da literatura infantil e a inserção da contação de história para a motivação da aprendizagem das crianças. A contação de história é vista como uma prática pedagógica que além de despertar a imaginação da criança desperta também o interesse pela leitura, e consequentemente, pelos livros. Como metodologia selecionamos a pesquisa bibliográfica, exploratória, descritiva, de campo e pesquisa-ação, com abordagem qualitativa em que utilizamos como técnica para a coleta dos dados, vários instrumentos como: observação, visitas no assentamento selecionado, bem como a seleção das histórias, contos e lendas populares.

Palavras-Chave: Contação de histórias, leitura, imaginação.

INTRODUÇÃO

A arte enquanto linguagem e a serviço da aprendizagem, tem o poder lúdico, polifônico e multicolor de articular inúmeros outros saberes, envolvendo a criatividade, leituras, em sua mais ampla concepção, produção, construção, evocando nos alunos “a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções, e as subjetividades”. Expressões estas, possíveis de serem manifestadas através do próprio processo de aprendizagem da arte e através dela.

Fazendo um link, com o que foi dito acima e se elencarmos as Artes Visuais como exemplo, entendendo seu processo e o resultado artístico e cultural deste, através das histórias e contextos sociais, facilmente perceberíamos que as outras formas de comunicação sofreriam de enorme insuficiência no que tange a transmissão do acúmulo sistematizado da história da humanidade, a qual uma geração transmite à outra. Pois a arte tem o poder de conservar em si: processo e produção, elementos estes, capazes de anunciar e denunciar contextos econômicos e sócios culturais, encontrando eles, tatuado em qualquer tempo histórico.

Quando paramos para pensar, verificando o mundo ao nosso redor, nos deparamos com uma sociedade totalmente tecnológica, onde os tablets e smartphones estão cada vez mais interiorizados nas nossas crianças, inclusive dentro da própria escola. Os livros estão sendo deixados de lado, pois quase tudo pode ser encontrado num ambiente virtual. Daí vem o grande desafio vivenciado pelo educador, que é fazer com que a criança tome gosto pela leitura, pelos livros, pela arte, e conseqüentemente, pelas histórias que estão ficando esquecidas.

Surge então nossa questão-problema: o papel do contador de histórias, que além de concentrar os alunos, também auxilia na prática pedagógica, fazendo com que esses mesmos alunos tomem gosto pela arte de contar histórias. Percebemos que a contação de história instiga à imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribuindo assim na personalidade da criança.

Desse modo, traçamos como objetivos de nossa pesquisa proporcionar aos alunos a capacidade de reconhecer no universo literário, elementos da sua cultura, como também obras literárias que podem contribuir de forma grandiosa para o desenvolvimento cognitivo de todos eles.

A leitura é uma atividade extremamente inerente à condição humana. Segundo Freire (2016) a leitura de mundo antecede à palavra, ou seja, desde que nascemos somos leitores de mundo e nossas ações estão intimamente ligadas a essas leituras. Elas são importantíssimas para inspirar sentimentos, valores, ações, condutas e na formação pessoal de cada um. Por

isso, a leitura exerce um papel importante no crescimento intelectual, crítico e criativo do educando.

Quando o ser humano experimenta a leitura, ele executa um ato de compreender o mundo, pois ler é, antes de tudo, compreender, e compreender é ser. Portanto, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. (MAINARDES, 2008, p. 2).

Daí surge à necessidade de enquanto educadores, nos conscientizarmos da responsabilidade que temos na busca da transformação através da leitura. Da importância da leitura para a vida do indivíduo, como ser social, pensante e inserido culturalmente na sociedade.

O educador tem o dever de incentivar a leitura, valorizando a importância do livro, não como algo para ser guardado numa estante, mas para ser lido, utilizado. Um ponto importante a ser destacado é que o brasileiro, em sua maioria, não possui o hábito da leitura, como algo intrínseco ao seu cotidiano. Não se vê pessoas lendo nas praças, nas ruas ou vias. Às vezes o contato da pessoa com o livro se dá na escola, como algo determinante para a sua vida acadêmica, mas não como algo que a leve ao prazer. Segundo Mainardes (2008) “a literatura é a ponte entre o real e o imaginário, as histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos [...]” que em muitas ocasiões não são trabalhadas na criança, por falta de um educador, que esteja atento às demandas trazidas pelas crianças.

Inicialmente, o contato da criança com o texto acontece de forma oral, dentro do seio familiar, onde se é contado histórias de contos de fadas, terror, histórias bíblicas, lembranças da infância, dentre outros. As histórias estão presentes em nosso meio, em nossa cultura desde muito tempo, e a contação de histórias é uma das artes mais antigas, pois remontam desde os primeiros povos. O hábito de ouvir e contar histórias estão interligados ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, como também à construção da identidade e aos cuidados afetivos.

Segundo Pereira (2005), a compreensão do papel da leitura e da escrita, como fenômenos socioculturais que estão intimamente ligados, é um fator decisivo na interpretação da cultura de um povo. Quando a prática da leitura muda para um indivíduo ou uma comunidade, muda também suas concepções sobre o mundo, muda o modo de percepção sobre a natureza.

As crianças e jovens aprendiam com as histórias vivenciadas, contadas pelos seus pais, avós e parentes que compartilhavam as experiências vividas por eles. Mudou-se o tempo, os

costumes, como também os valores não são mais os mesmos. Poucas famílias tem o hábito de se reunir para contar histórias, falar das suas vivências, principalmente por que nos tornamos seres “conectados” com o mundo virtual.

Nos tempos atuais, nossos jovens estão mais preocupados com redes sociais, computadores, *vídeo games* do que um bom livro. Mas, algo que não mudou é o fascínio que as histórias ainda exercem sobre o homem, pois quando se conta uma história lança-se um fio invisível que vai entrelaçando, envolvendo o narrador ao ouvinte, pelas tênues tramas narrativas.

Estimular a contação de histórias é estimular a educação, como a própria Base Nacional Comum Curricular – BNCC vai reconhecer que “a educação deve firmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade.” (1998, p.8).

Portanto, a contação de histórias é uma atividade fundamental na transmissão de valores, como também na formação e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Sant’Anna (2013) “as histórias são uma maneira mais significativas que o ser humano encontrou para expressar experiências, que nas narrativas realistas, não acontecem”.

Com isso, a contação de história, além de fazer parte do campo da educação, como a área do conhecimento humano, é uma atividade extremamente comunicativa e de interação. Contar histórias é ser capaz de criar um ambiente de encantamento, de suspense, de surpresa e emoção, no qual no enredo, os personagens ganham vida, transformando a visão do narrador como do ouvinte.

1 – EDUCAR, CUIDAR E CONTAR HISTÓRIAS.

Entendemos que a Educação Infantil vem se transformando, com o passar do tempo, numa concepção de criança como pessoa em processo de desenvolvimento, como sujeito ativo da construção do seu conhecimento e de sua cidadania. Para tentar compreender a criança e criar condições para o seu desenvolvimento, se faz necessário à reiteração do respeito às singularidades infantis, que implica a garantia e o estímulo ao lúdico na vida escolar.

Conforme as ideias do RCNEI: “educar, cuidar e brincar” se constitui um tripé, que deve ser norteador dentro do universo escolar.

Propiciar situações de cuidado, brincadeira e aprendizagens orientadas de forma que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação

interpessoal [...] e o acesso da criança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (RCNEI, 1998, v.1, p.23).

É na infância onde descobrimos a importância da brincadeira, como também todo o conhecimento que começamos a adquirir através do brincar. Para que tais eventos ocorram, existe a necessidade de termos profissionais capacitados e ativos, com planejamentos abertos, dinâmicos e que estejam focados na realidade sociocultural e nas etapas de desenvolvimento da criança. Assim, é necessário refletir como educar, brincar, cuidar e contar histórias na Educação Infantil pode auxiliar no desenvolvimento das capacidades das crianças.

Mainardes (2008) explica que é contando histórias que preparamos a criança para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades ou como forma de buscar caminhos para resolução de problemas. É preciso que os educadores compreendam as dimensões relacionais, presentes na dinâmica do contar histórias e no brincar, como forma de construção de vínculos afetivos imprescindíveis ao desenvolvimento do educando.

Por isso é primordial que seja garantido, dentro do espaço escolar, tempo e espaço para o brincar, para as dinâmicas de contação de histórias, mesmo que não haja quantidade e/ou variedade de matérias disponíveis, visto que esses recursos são extremamente importantes para o desenvolvimento cognitivo da criança. Compreender essas formas de aprendizagem possibilita aos professores intervir de maneira apropriada, sem interferir e descaracterizar o prazer que o lúdico proporciona.

Portanto, o brincar, o cuidar e a contação de histórias, utilizados como recurso pedagógico, não deve ser dissociado da atividade lúdica. Pois eles contribuem de maneira significativa para a educação e o desenvolvimento da criança.

METODOLOGIA

Podemos classificar a nossa pesquisa como bibliográfica, exploratória, descritiva, de campo e pesquisa-ação, com abordagem qualitativa em que utilizamos como técnica para coleta dos dados vários instrumentos como: observação, visitas no assentamento selecionado, bem como a seleção das histórias, contos e lendas populares que ao longo da pesquisa serão construídos e vivenciados, através de aulas-oficina, com os alunos. Selecionamos essa pesquisa por entender como uma estratégia para o desenvolvimento do projeto.

Por outro lado os participantes devem participar ativamente na elaboração da problemática da pesquisa, e da busca de soluções, sendo parte integrante de todo processo por meio de experiências, procurando partilhar os seus significados com todo o grupo.

Entendemos a pesquisa-ação enquanto processo contínuo de aprendizagem, com a participação coletiva e transformação organizacional. A pesquisa-ação “funciona melhor com a cooperação e colaboração porque os efeitos da prática de um indivíduo isolado sobre uma organização jamais se limitam aquele indivíduo”, (TRIPP, 2005 p. 454). Desse modo foi que construímos nossas aulas-oficinas.

A partir dessa proposta, buscamos estruturar uma formação continuada para as crianças e jovens do assentamento do MST escolhido, onde esses indivíduos possam experimentar e inventar novas formas de interação com os materiais artísticos propostos, com seus próprios corpos e com os outros atores no espaço do assentamento.

Desse modo foi elaborado as aulas-oficinas para ampliar a linguagem oral e escrita da cultura campestre através do conto das lendas, sendo estruturada da seguinte forma: objetivo, conteúdo, tempo hora-aula, Desenvolvimento Metodológicos e avaliação, para cada oficina a ser realizada.

Será realizado uma preparação para leitura e contação das histórias, sempre estudando cada detalhe e revelando pontos emocionantes das obras. Nosso enfoque será estudar a história, sentir a história, ter domínio completo sobre o texto, acreditar na história e levá-los ao universo da magia, do lúdico, como forma de viajar na leitura, como um dos pontos primordiais para este primeiro momento da pesquisa.

Diferente de seminários, palestras e aulas tradicionais as aulas-oficinas despontam como espaços de construção de saberes, de forma coletiva e integrada. Trazendo também uma proposta de envolver a literatura e a educação, o que potencializa o seu alcance e ampliação de conhecimentos educativos.

Segundo Matias e Coelho (2017) as possibilidades educativas das aulas-oficinas pedagógicas, podem se transformar em espaços democráticos e solidários de trocas de prazeres. Entendemos que a descontração e a abertura de diálogos acerca de si e do outros, tomando como referencial as obras literárias propostas, podem levar os alunos a uma reflexão a respeito de suas posturas, suas relações pessoais e na vida de forma geral.

Até porque, compreendemos as aulas-oficinas como momentos de interação e troca de saberes a partir de uma visão ampla e vista num amplo horizonte na construção do saber. É acreditando no potencial da mudança no contexto das aulas-oficinas, como ação educativa, que vislumbramos um crescimento do indivíduo.

RESULTADOS

Como resultado, podemos destacar as mais variadas obras literárias existentes, para que sejam utilizadas como instrumento de estudo, pois com isso, buscamos estimular a imaginação e a criatividade dos alunos camponeses, criando a cultura de ouvir e contar histórias no assentamento do MST, desenvolvendo emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Proporcionar oportunidade para que as crianças de um assentamento do MST da grande João Pessoa desenvolvam o gosto pela leitura, colocando-se em contato com diversos gêneros textuais.

Acreditamos que a contação de história é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao pesquisador, no momento de contar histórias, estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que remete à época dos contadores de histórias, que ao redor do fogo, encantavam aos seus ouvintes, com costumes e valores de um povo.

Portanto, as possibilidades para a contação de histórias em sala de aula, e nesse caso específico, o assentamento do MST, são inúmeras. Pois, além das histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir e socializar, desenvolver a inteligência e também a sensibilidade do ouvinte. É sabido que a literatura não está recebendo a importância que merece como também o estímulo adequado, e a contação de história é uma alternativa grandiosa para que os alunos tenham uma experiência positiva e vivencial com a leitura. Não queremos transformar esse momento enfadonho, maçante ou obrigatório, mas, despertar nas crianças o prazer e o gosto pela leitura.

Queremos agregar à produção textual a função social da escrita, com produção de cartazes, livretos e encenações. Fazer rodas de conversa, para que sejam relatadas por eles as experiências as quais estão sendo proporcionadas, e como isso está contribuindo para o crescimento pessoal, sociocultural e familiar de cada um deles.

DISCUSSÕES

Segundo Sant'Anna (2013), as histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Através delas, houve a possibilidade de preservar a cultura. E durante muito tempo, foram a única fonte de aquisição e transmissão do homem. A narrativa é a arte de contar histórias, arte essa que é tão antiga quanto o próprio homem. Acreditamos que a contação de história estimula a imaginação, retratando pessoas, lugares, acontecimentos, sonhos e desejos, favorecendo assim o processo de aprendizagem.

Portanto, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, com surpresas e emoções, no qual os personagens ganham vida, transformando a imaginação do narrador e do

ouvinte. Um dos nossos objetivos é levantar nos alunos a curiosidade, onde após a leitura de uma história ou uma lenda, surja no aluno a vontade de buscar saber mais sobre o personagem/livro, onde ele tenha a vontade de pedir outro livro, de saber mais histórias, e com isso, disseminar conhecimentos.

Nosso primeiro resultado de estudo foi o levantamento bibliográfico e a seleção de lendas para contar na escola campesina selecionada para a pesquisa.

CONCLUSÕES

Ressaltamos que a escola, enquanto instituição cultural é o domínio do simbólico, do lúdico, do imaginário social, bem como um lugar onde é possível desenvolver o diálogo e a criatividade dos alunos. Apesar disso, percebemos uma ausência total ou quase que total da prática de leitura de histórias dentro da sala de aula. Talvez tal processo se dê pela interpretação de muitos formadores e educadores, que acreditam que as leituras feitas em sala de aula, devam estar focadas apenas na vida futura ao qual os alunos terão que enfrentar.

Outro ponto importante, da falta de vivência das leituras de histórias dentro da sala de aula é devido ao engessamento da grade curricular, que muitas vezes não permite a criatividade do professor. Trazemos essa discussão, como forma de contribuir para um melhor entendimento deste processo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação. Brasília, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- MAINARDES, Rita de Cassia Milléo. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. Paraná: SEED, 2008.
- MATIAS, Eliete Fernandes; COELHO, Paula Alves Barbosa. **Jogo, teatro e educação infantil**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2017.
- MEC: www.mec.gov.br. Acesso em 02 de setembro de 2018.
- PEREIRA, Regina Celi Mendes. **A concepção de letramento na escola: dimensão social e cognitiva**. UFPB, João Pessoa, v.1, n.3, p. 61-77, dez.2005.
- SANT'ANNA, Vera Lúcia Lins. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.periodicos.pucminas.br/>>. Acesso em 18 ago. 2018.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica**. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set\dez, 2005.